



## **A relevância da imagem na Interpretação Simultânea**

---

**Maria Andreia S.F.Colaço**

**Trabalho de Projecto**

**Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas**



**Porto – 2013**

**INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO  
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO**





## **A relevância da imagem na Interpretação Simultânea**

---

**Maria Andreia S.F.Colaço**

**Trabalho de Projecto  
apresentado ao Instituto Superior de Contabilidade e Administração do  
Porto para a obtenção do grau de Mestre em Tradução e Interpretação  
Especializadas sob orientação de Mestre Suzana Noronha Cunha**

**Porto 2013**

**INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO  
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO**

## Resumo

---

O objectivo deste estudo é estabelecer uma relação entre a imagem e a interpretação simultânea. Pretendemos tentar provar que existe maior probabilidade de ocorrência de erros e omissões quando o intérprete não tem acesso à imagem do orador e à imagem das suas apresentações, tendo acesso exclusivamente a áudio.

Na tentativa de demonstrar esta relação, foram realizados testes em laboratório com alunos finalistas e intérpretes com experiência do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. Os sujeitos realizaram duas sessões de interpretação de inglês para português sendo que, na primeira, tinham acesso à imagem do orador e à imagem das suas apresentações e, na segunda, tinham acesso exclusivamente a áudio. Foram elaborados dois inquéritos que os sujeitos preencheram antes e após a experiência. A partir da audição das gravações foi registada a ocorrência de erros e omissões e foram analisados os inquéritos preenchidos.

Os resultados obtidos apontam para que o acesso à imagem poderá contribuir para o bom desempenho do intérprete.

**Palavras-chave:** Interpretação Simultânea, Experiência, Erros e Omissões, Áudio, Imagem

## Abstract

---

This study aims at establishing a relation between the visual input and simultaneous interpreting. This is a small attempt to prove that the occurrence of errors and omissions in interpreting is higher when the interpreter has access only to audio input.

In an attempt to demonstrate this relation laboratory experiments were carried out, involving graduate students and experienced interpreters from Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. We held two English to Portuguese interpreting sessions. In the first experiment, students had access to both visual and audio input. However, in the second one, only audio input was supplied. Two surveys were developed, one to be answered before the experiments and another one afterwards. From the recordings of the two sessions, errors and omissions were listed. Finally, both errors and omissions and surveys were analyzed.

The results obtained indicate that visual input might contribute to improve interpreter performance.

Keywords: Simultaneous Interpreting, Experiment, Errors and Omissions, Audio input, Visual input

## Dedicatória

---

Aos meus Padrinhos, que sempre me impulsionaram e apoiaram, que tanto investiram na minha educação e tudo fizeram por mim. A minha dívida será eterna, a minha gratidão é imensa, a minha promessa está cumprida.

À minha filha Beatriz, para que me tome como exemplo no futuro e para que compreenda a importância do investimento pessoal.

Ao meu marido Pedro Alves, que sempre me apoiou e me impulsionou a continuar.

À minha família, pelo entusiasmo com que me apoia.

## Agradecimentos

---

À minha orientadora, Mestre Suzana Cunha que foi incansável e grande conselheira.

Aos professores que me auxiliaram neste estudo, Mestre Graça Chorão e Doutora Luísa  
Langford

Aos meus colegas que pacientemente participaram nas experiências.

*I have walked that long road to freedom. I have tried not to falter; I have made missteps along the way. But I have discovered the secret that after climbing a great hill, one only finds that there are many more hills to climb. I have taken a moment here to rest, to steal a view of the glorious vista that surrounds me, to look back on the distance I have come. But I can only rest for a moment, for with freedom come responsibilities, and I dare not linger, for my long walk is not ended.*

(Nelson Mandela, 1995)

## **Lista de Abreviaturas**

---

Erros e Omissões – E&O

Termos e Expressões – T&E

Interpretação Simultânea –IS

Interpretação Consecutiva - IC

Inglês para Português - EN-PT

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto - ISCAP

Vídeo A - Vídeo A-T – Tudo (áudio+imagem)

Áudio A - Vídeo A-S – Som (áudio)

Vídeo B - Vídeo B-T – Tudo (áudio+imagem)

Áudio B - Vídeo B-S – Som (áudio)

## Índice Geral

---

Introdução-----	p.1
Capítulo I. Descrição da experiência-----	p.5
1.1. A Amostra-----	p.7
1.2. Os vídeos a interpretar-----	p.9
1.3. Divisão dos grupos-----	p.11
1.4. Elaboração dos inquéritos-----	p.13
1.4.1. Pré-inquérito-----	p.14
1.4.2. Pós-inquérito -----	p.17
Capítulo II. Análise e resultados-----	p.22
2.1. Análise de termos e expressões-----	p.23
2.2. Resultados da análise de termos e expressões-----	p.24
2.3. Resultados pré-inquérito-----	p.27
2.4. Resultados pós-inquérito-----	p.31
Capítulo III. Conclusão-----	p.41
Referências Bibliográficas-----	p.42
Anexos-----	p.45
Apêndice-----	p.57

## **Índice de tabelas**

---

Tabela 1 grupos sujeitos à experiência-----	p.12
Tabela 2 resultados Imagem vs. Som alunos diurnos -----	p.24
Tabela 3 resultados Imagem vs. Som alunos nocturnos -----	p.25
Tabela 4 resultados Imagem vs. Som intérpretes com experiência-----	p.26

## **Índice de gráficos e imagens**

---

Vídeo A e Vídeo B-----	p.10
Imagem 2 excerto do vídeo A -----	p.10
Imagem 3 Laboratório do ISCAP -----	p.22

## **Gráficos de resultados**

---

Gráfico A “Tem experiência em interpretação?”-----	p.27
Gráfico B “Quais destes aspectos podem facilitar a interpretação?”-----	p.27
Gráfico C “Quais destes aspectos podem quebrar a concentração do intérprete?”-----	p.28
Gráfico D “Quais destes aspectos favorecem a concentração do intérprete?”-----	p.28
Gráfico E “Considera a imagem do orador um aspecto fundamental para uma boa interpretação?”-----	p.29
Gráfico F “Considera o acesso à apresentação do orador um aspecto fundamental para uma boa interpretação?”-----	p.29
Gráfico 1 vídeos A e B “O acesso à apresentação do orador facilitou a interpretação?”-----	p.31

Gráfico 1 áudios A e B “O acesso à apresentação do orador facilitou a interpretação?”-p.32

Gráfico 2 vídeos A e B “A imagem do orador facilitou a interpretação-----p.32

Gráfico 2 áudios A e B “A imagem do orador facilitou a interpretação-----p.33

Gráfico 3 vídeos A e B “Qual o aspecto que mais *stress* causou à sua interpretação?”-p.33

Gráfico 3 áudios A e B “Qual o aspecto que mais *stress* causou à sua interpretação?”-p.34

Gráfico 4 vídeos A e B “Considera a interpretação que acabou de fazer”-----p.35

Gráfico 4 áudios A e B “Considera a interpretação que acabou de fazer”-----p.35

Gráfico 5 vídeos A e B “Classifique a interpretação que acabou de fazer”-----p.36

Gráfico 5 áudios A e B “Classifique a interpretação que acabou de fazer”-----p.36

Gráfico 6 vídeos A e B “Tendo em conta o que acabou de experienciar, considera a imagem do orador durante a interpretação importante para o desempenho do intérprete?”-----p.37

Gráfico 6 áudios A e B “Tendo em conta o que acabou de experienciar, considera a imagem do orador durante a interpretação importante para o desempenho do intérprete?”-----p.37

Gráfico 7 vídeos A e B “Tendo em conta o que acabou de experienciar, considera a imagem da apresentação do orador durante a interpretação, importante para o desempenho do intérprete?”-----p.38

Gráfico 7 áudios A e B “Tendo em conta o que acabou de experienciar, considera a imagem da apresentação do orador durante a interpretação, importante para o desempenho do intérprete?”-----p.38



## A relevância da imagem na Interpretação Simultânea - Introdução

---

A interpretação é uma actividade marcada por dificuldades decorrentes da envolvimento de múltiplos parâmetros, tais como falta de documentação e preparação prévias, cansaço, interferência no áudio e na imagem, etc. Todos estes factores influenciam o desempenho do intérprete. Para além disto, a mensagem a ser decodificada não se resume às palavras: expressões faciais, gestos e postura corporal também são formas de comunicação. Segundo Ray Birdwhistell, conhecido antropólogo, 65% a 70% da informação de uma mensagem é retirada da comunicação não-verbal (1970: pp. 86-87). Este pressuposto leva-nos a crer que, para o intérprete, o acesso à imagem, seja ela do orador ou das suas apresentações, têm implicações na decodificação da mensagem. O conceito de imagem é, neste trabalho, entendido como a imagem do orador e das suas apresentações, nomeadamente a visualização da figura do orador e a visualização da sua apresentação em PowerPoint.

Com este estudo, pretendemos dar um pequeno contributo no sentido de apresentar dados que permitam uma melhor compreensão de questões do tipo das seguintes:

1. O acesso à imagem das apresentações do orador é importante para o bom desempenho do intérprete?
2. Podemos afirmar que há maior ocorrência de erros e omissões (E&O) em interpretações, em que o intérprete não tem acesso à imagem do orador ou da sua apresentação?
3. A imagem da apresentação do orador pode prejudicar ou favorecer a concentração do intérprete?
4. As ideias pré concebidas dos sujeitos sobre a imagem e a sua relevância para a IS alteraram-se após a participação na experiência?

Para tal, sujeitámos alunos a experiências conduzidas em laboratório e registámos a ocorrência de E&O nas suas interpretações mediante a variação do parâmetro da imagem. Analisámos a percentagem de E&O existentes em interpretações em que o intérprete teve acesso a áudio e imagem e comparámos os resultados com interpretações em que o intérprete só teve acesso a som. O objectivo era descobrir se ocorrem mais E&O quando o intérprete não tem acesso a imagem. A investigação que procurámos levar a cabo é, naturalmente, despoletada pela necessidade de contribuir para o desenvolvimento desta actividade.

De facto, a constante evolução do mundo, torna a investigação necessária em todas as áreas profissionais, sob risco de qualquer posição científica se tornar obsoleta. A necessidade de investigação incide precisamente na proposta de hipóteses que estimulem a busca de soluções mais válidas para a actualidade. Kurz transmite esta ideia a jovens investigadores da seguinte forma:

The first question that comes to mind is: Why should anybody want to devote time and effort to do research into (craft, science of) interpretation in the first place? As far as I am concerned there is only one legitimate answer: curiosity. The desire to find answers to such questions as why? how? what? – if? (2001:102).

Também Gile aponta motivos para a necessidade de investigação, realçando o papel de investigador daqueles que, como nós, praticam a actividade, não sendo cientistas:

Why should interpreters, who are practitioners but not scientists, engage in research on their profession? Firstly, interpretation, and in particular simultaneous interpretation, is an unusual activity which generates curiosity and raises questions – it is only natural that interpreters would want to understand its processes. Furthermore, some insight into the processes is necessary in order to establish principles and methods for training purposes. (1990; citado por Kurz 2001:102).

Por outro lado, consideramos que subsiste, efectivamente, uma necessidade de investigação na área da Interpretação Simultânea (IS), pois em Portugal, não encontramos dados relativos a estudos sobre esta temática. Enquanto em Portugal estes estudos não existem ou não são suficientemente divulgados, no estrangeiro são várias as investigações conhecidas e amplamente divulgadas. Como exemplo de projectos de investigações em IS destacamos dois: “EEG mapping during simultaneous interpreting” de Kurz (1994) que estudou os processos cerebrais durante a IS, e também “Variability in the perception of the fidelity in simultaneous interpretation”, de Gile (1990) que estudou o rigor com que E&O eram detectados por intérpretes profissionais e não-profissionais em transcrições de interpretações. Estes estudos contribuíram para que pudéssemos compreender que tipo de estudos já foram realizados nesta área e como organizar e estabelecer uma investigação.

Contudo, a dimensão dos estudos que referimos é de difícil reprodução. O tempo e os meios disponíveis para a realização desta investigação levaram-nos a cingir o projecto ao ambiente académico. Considerámos ser uma mais valia delimitar o estudo de forma a podermos concretizá-lo no ambiente que melhor conhecemos e ao que temos maior facilidade de acesso.

Concluimos que, apesar de o nosso contributo ser apenas uma pequena achega no sentido de procurar respostas para questões relevantes para a IS, não deixa de ter validade e pode eventualmente ser considerado um pequeno passo no desenvolvimento de maiores projectos de investigação. Podemos tomar como exemplo as palavras de Kurz acerca desta matéria:

The examples I have chosen include small studies that triggered off subsequent large-scale investigations. This shows that it is possible for an individual researcher to set things in motion. (2001:101).

A reforçar esta ideia, também Gile refere a importância de que pequenos projectos se podem revestir:

As far as research methodology is concerned, priority should be given to small, simple and practical projects directly useful to the interpreters engaged in them, (1990;citado por Kurz, 2001).

O que parece mais importante e necessário é o cultivo e revelação do espírito de curiosidade referido por Kurz, capaz de reflectir sobre a profissão em si e sobre toda a circunstância que a envolve, de forma a ir descobrindo novas formulações e métodos mais adequados que, no futuro tenham aplicação prática, tanto para os que investigam como para os que exercem a actividade.

# **A relevância da imagem na Interpretação Simultânea**

---

## **Capítulo I. Descrição da Experiência**

---

O nosso objectivo com este estudo é contribuir com dados que ajudem a estabelecer uma relação entre a imagem e a interpretação. Pretendemos apresentar dados que sustentem uma das seguintes hipóteses:

Quando o intérprete tem acesso à imagem da figura do orador e da sua apresentação em PowerPoint, a ocorrência de E&O nos termos e expressões (T&E) é maior ou menor?

Para tal, concebemos uma investigação em que sujeitámos três grupos a experiências em laboratório, variando o parâmetro da imagem. Estes grupos eram constituídos por alunos nocturnos e diurnos do 3º ano da Licenciatura em Assessoria e Tradução do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP) e intérpretes com experiência profissional, alunos finalistas do Mestrado de Tradução e Interpretação Especializadas da mesma instituição. Pedimos aos sujeitos que realizassem dois tipos de interpretação, uma em que tinham acesso à imagem do orador e à sua apresentação, e outra, em que só tinham acesso a áudio. Nestes vídeos, o discurso da oradora é complementado por uma apresentação que inclui imagens mas também termos e expressões (T&E).<sup>1</sup> Escolhemos para análise dos erros e omissões (E&O) unicamente os termos e expressões (T&E) que são vocalizados pela oradora e também mostrados na respectiva apresentação, acreditando que, desta forma, poderemos melhor avaliar o contributo da imagem na prestação do intérprete. Para além da sessão de interpretação, foi pedido aos sujeitos que respondessem a dois inquéritos, um pré-experiência e um pós-experiência. Posteriormente, fizemos o levantamento e análise de T&E, de forma a apurar a ocorrência de E&O nas interpretações gravadas.

É conhecida e reconhecida a ligação intrínseca que existe entre a imagem e a interpretação, como pudemos, aliás, constatar pelas respostas aos inquéritos, dos sujeitos desta experiência. Existe uma percentagem significativa da mensagem que o intérprete tem que descodificar e que não se limita às palavras: a linguagem corporal, gestos e todo o contexto não-verbal têm implicações na forma como é descodificada a mensagem. Um conhecido investigador na área da IS, Takis Mouzourakis (2003), refere-se a esta ligação da seguinte maneira:

---

<sup>1</sup> Ver exemplo p. 10 (Capítulo I – Descrição da Experiência) ou p.72 (Apêndice).

Human vision does not work like a video camera, passively recording the details of the world. Rather, it searches for those essential features that allow it to answer specific questions. It is a problem-driven, selective and active vision. Interpreters do not merely look at a speaker; instead, the direction of the interpreter's gaze at any given moment is correlated with the kind of visual information needed to help with the processing of the meaning that the interpreter is constructing.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> That feeling of being there: vision and presence in remote interpreting, secção 3, para.5.

### 1.1. A Amostra

---

A amostra é constituída por sete alunos diurnos e dezasseis alunos nocturnos, finalistas da Licenciatura em Assessoria e Tradução do ISCAP. Escolhemos estes dois grupos de alunos pois pretendíamos sujeitos com experiência em IS. Os alunos desta Licenciatura têm formação em IS e Interpretação Consecutiva (IC) ao longo do 3º ano. O terceiro grupo escolhido para participação nesta experiência foi um grupo de oito intérpretes com experiência. Este grupo foi considerado o grupo de controlo, pois são os que apresentam experiência de tipo profissional em IS, algo que nos permite equilibrar os dados em relação à falta de experiência profissional dos alunos da Licenciatura. São alunos do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas do ISCAP, que contam já experiência profissional em interpretação de conferência.

Ao longo deste estudo, referimo-nos ao grupo de intérpretes como intérpretes com experiência e não como intérpretes profissionais. Consideramos que intérpretes profissionais são os que se dedicam, exclusivamente, à interpretação, algo que não acontece neste grupo, pois a maioria realiza a interpretação como uma segunda profissão e não como a principal ou exclusiva. A amostra em análise varia em idade entre os 20 e os 53 anos. 81% é do sexo feminino e 19% do sexo masculino, no grupo dos intérpretes com experiência profissional, o número de horas de interpretação varia entre as 8 e as 300 horas de interpretação.

Idade:	Sexo:
20-53	Masculino:19%
20-53	Feminino:81%

As experiências foram realizadas no laboratório multimédia de línguas do ISCAP, em dias distintos. No dia 5 de Junho de 2012, sujeitámos à experiência os alunos nocturnos, no dia 8 de Junho de 2012 os alunos diurnos e, por fim, nos dias 20 de Junho e 20 de Julho do mesmo ano os intérpretes com experiência. A totalidade dos sujeitos que se submeteram a esta experiência foi de 31. Aos grupos pedimos a interpretação simultânea de vídeos e de ficheiros áudio, de inglês para português (EN-PT). Os vídeos continham a imagem do orador e da sua apresentação. Os ficheiros áudio só apresentavam som. Cada grupo

realizou duas interpretações, sendo que, na primeira tinham acesso à apresentação do orador e na segunda só tinham acesso a áudio. Pedimos aos grupos que respondessem a dois inquéritos, um antes da realização da experiência e outro subsequentemente. Após reunir os dados das gravações das interpretações, foi feito um levantamento dos T&E, sua respectiva análise e foi registada a ocorrência de E&O.

### 1.2. Os vídeos a interpretar

---

Pesquisámos diversos materiais que pudessem ser utilizados para a experiência em interpretação, nomeadamente discursos e vídeos. Estes materiais teriam que obedecer aos seguintes parâmetros:

1. Apresentar a imagem do orador, a imagem das apresentações e também o áudio. Se pretendíamos analisar a ocorrência de E&O nas interpretações, mediante o condicionamento do acesso dos intérpretes à imagem do orador ou imagem das apresentações, os vídeos teriam obrigatoriamente que as apresentar.

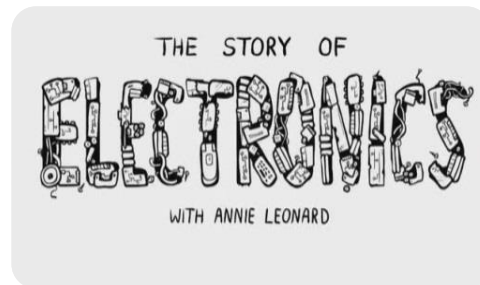
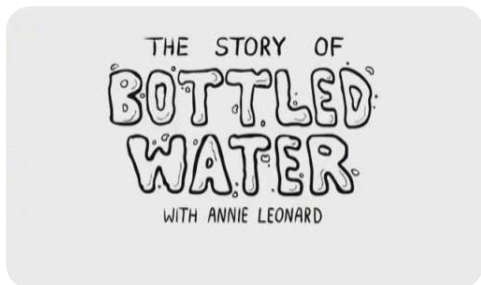
2. Ser simultaneamente acessíveis para os alunos da licenciatura e para os intérpretes com experiência. O nível de experiência em interpretação dos alunos não é o mesmo dos intérpretes com experiência. Reconhecemos, que os intérpretes com experiência já desenvolveram e põem em prática estratégias que permitem a correcta descodificação da mensagem, quando se deparam com dificuldades de interpretação de T&E. O discurso dos materiais para a experiência em interpretação não deveria ser nem demasiado específico (devido à falta de experiência dos alunos), nem demasiado genérico (reduzindo consideravelmente a hipótese dos intérpretes com experiência produzirem erros e omissões).

3. Ser materiais próprios para interpretação simultânea EN-PT. Escolhemos este par de línguas por ser aquele com que trabalham todos os estudantes de interpretação do ISCAP. As recomendações da Comissão Europeia são de que os intérpretes devem realizar a interpretação de uma língua passiva para a sua língua activa<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Ver “A combinação linguística do intérprete de conferência”, portal Comissão Europeia [http://ec.europa.eu/dgs/scic/what-is-conference-interpreting/language-combination/index\\_pt.htm](http://ec.europa.eu/dgs/scic/what-is-conference-interpreting/language-combination/index_pt.htm).

Selecionámos dois vídeos de tipo informativo e entretenimento do YouTube que obedeciam aos parâmetros acima enumerados.



Vídeo A e Vídeo B

O vídeo A conta a história de uma garrafa de água, desde a sua produção ao processo de reciclagem subsequente. O vídeo B conta a história de um computador desde a sua compra ao processo de reciclagem. Ambos tratam o tema dos custos de produção e os processos de reciclagem e têm aproximadamente 8 minutos cada. O grau de dificuldade do discurso do orador foi considerado equivalente para os dois vídeos, tanto pela autora da investigação, como pelas professoras de IS dos sujeitos que participaram nesta experiência.

Não será de voltar a referir que os T&E presentes nos vídeos que são vocalizados pela oradora são simultaneamente transmitidos em imagem. A título de exemplo, quando, no vídeo, a oradora profere *Aquafina*<sup>4</sup> (marca de água engarrafada), a imagem da palavra é mostrada no ecrã, conforme ilustrado na figura abaixo.



Imagem 2 excerto vídeo A

<sup>4</sup> Os clips dos vídeos com os T&E podem ser consultados na p.72 (vídeo A) e na p.88 (vídeo B).

### 1.3. Divisão dos grupos

---

Dividimos cada um dos grupos de alunos diurnos, nocturnos e intérpretes com experiência em dois.

Alunos diurnos	Alunos nocturnos	Intérpretes com experiência
Grupo 1/ Grupo 2	Grupo 1/ Grupo 2	Grupo 1/ Grupo 2

Convertemos os vídeos A e B em ficheiros mp3 de forma que cada grupo pudesse realizar uma interpretação com acesso a áudio+imagem e uma interpretação só com acesso a áudio. Assim, passámos a ter 2 vídeos: A e B e 2 ficheiros mp3: áudio A e B a serem utilizados na experiência.

Tome-se como exemplo a turma diurna: o grupo 1 realizou uma interpretação do vídeo A e uma interpretação do áudio B, a conversão do vídeo B. O grupo 2 realizou uma interpretação do vídeo B e uma interpretação do áudio A, a conversão do vídeo A.

Para os restantes grupos o procedimento foi o mesmo, como ilustra a tabela da página seguinte.

Tabela 1 grupos sujeitos à experiência

Sujeitos	Divisão dos sujeitos em grupos e ordem das experiências	
	Grupo 1	Grupo 2
Alunos diurnos	1ª experiência Grupo 1 vídeo A	2ª experiência Grupo 2 vídeo B
	3ª experiência Grupo 1 áudio B	4ª experiência Grupo 2 áudio A
Alunos noturnos	1ª experiência Grupo 1 vídeo A	2ª experiência Grupo 2 vídeo B
	3ª experiência Grupo 1 áudio B	4ª experiência Grupo 2 áudio A
Intérpretes com experiência	1ª experiência Grupo 1 vídeo A	2ª experiência Grupo 2 vídeo B
	3ª experiência Grupo 1 áudio B	4ª experiência Grupo 2 áudio A

### 1.4. Elaboração dos inquéritos

---

Para se poder estabelecer uma relação comparativa entre as respostas dos sujeitos, antes da realização das experiências e após a realização das mesmas, elaborámos dois questionários distintos. O primeiro a ser respondido antes da experiência e o segundo depois. O objectivo era a comparação das respostas, pré-experiência e pós-experiência, interligando-as com o facto de os sujeitos terem realizado uma interpretação com acesso a imagem+áudio e outra interpretação exclusivamente com acesso a áudio. Pretendíamos verificar se as respostas dos sujeitos se mantinham ou se registavam alterações em função da experiência a que tinham sido submetidos

Note-se que cada grupo respondeu inicialmente a um pré-inquérito e a dois pós-inquéritos, um após a interpretação do vídeo áudio+imagem e outro após a interpretação do áudio. Algo que se traduziu em 31 inquéritos pré-experiência<sup>5</sup> e 62 inquéritos pós-experiência<sup>6</sup>.

Os sujeitos da experiência responderam em primeiro lugar ao pré-inquérito no Laboratório nº1. Em seguida, a turma foi dividida em 2 grupos. O primeiro grupo (1) dirigiu-se ao Laboratório 5 para realizar a primeira interpretação, enquanto os restantes esperaram que os colegas a finalizassem. Quando o grupo 1 terminou, voltou para o Laboratório inicial e procederam ao preenchimento do pós-inquérito. Enquanto isso, o grupo 2 dirigiu-se ao Laboratório 5 para a realização da interpretação, e assim sucessivamente, até cada grupo ter realizado duas interpretações, uma vídeo e uma áudio, e respondido a 3 inquéritos, um pré- e dois pós-experiências.

---

<sup>5</sup>Pré-inquérito p.107.

<sup>6</sup> Pós-inquérito p.138.

### 1.4.1. Pré-inquérito

As perguntas dos inquéritos teriam que ser necessariamente directas e concisas, sem margem para segundas interpretações. Teriam de apresentar campos de resposta sim/não ou eventualmente de escolha múltipla, para se poderem obter dados estatísticos significativos. A inclusão de perguntas de resposta aberta tornaria impossível a análise estatística. Formulámos as perguntas para que os sujeitos tivessem hipótese de escolha. No entanto, os campos de resposta incidiam no que pretendíamos concluir, nomeadamente, se a imagem do orador ou da apresentação do mesmo influenciavam a decodificação da mensagem, traduzindo-se este facto em maior ou menor ocorrência de E&O.

As perguntas que o pré-inquérito contém são as seguintes:

1A Tem experiência em interpretação fora do âmbito curricular?  <input type="radio"/> Sim  <input type="radio"/> Não
--

1B Quantas horas de interpretação tem? *
--

1C Quais as suas línguas de trabalho? *
---

2A Idade: *
-------------

2B Sexo: *  <input type="radio"/> Feminino  <input type="radio"/> Masculino
---

2C A sua turma é: *  <input type="radio"/> Diurna  <input type="radio"/> Nocturna
---

2D Profissão: *
-----------------

**3. Quais destes aspectos (assinale o mais importante) podem facilitar uma interpretação? \***

- Apresentação do orador
- Imagem do orador durante a interpretação
- Acesso a glossário sobre o tema da interpretação
- Encontro prévio com o orador
- Outro

**4. Quais destes aspectos (assinale o mais importante) podem quebrar a concentração do intérprete? \***

- Acesso à apresentação do orador
- Não ter acesso à apresentação do orador
- Acesso à imagem do orador durante interpretação
- Não ter acesso à imagem do orador durante a interpretação
- Glossários sobre o tema da interpretação
- Outro

**5. Quais destes aspectos (assinale o mais importante) favorecem a concentração do intérprete? \***

- A imagem do orador durante a interpretação
- A imagem das apresentações durante a interpretação
- Acesso a glossário durante a interpretação
- Encontro prévio com o orador
- Outro

**6. Consideraria algum dia tornar-se intérprete profissional? \***

- Sim
- Não

**7. Considera a imagem do orador um aspecto fundamental para uma boa interpretação? \***

- Sim
  - Não
- 7A Porquê? \***

**8. Considera o acesso à apresentação do orador um aspecto fundamental para uma boa interpretação? \***

Sim

Não

**8A Porquê? \***

Assim, no pré-inquérito inserimos algumas perguntas de carácter geral tais como, idade, sexo e profissão. Considerou-se pertinente colocar uma questão sobre a experiência profissional em interpretação (pergunta 1A). Desta forma, podemos estabelecer uma comparação entre as respostas dos sujeitos que têm experiência profissional dos que não têm. As duas últimas questões incidem sobre imagem do orador e o acesso à sua apresentação. Para fundamentar as respostas a estas perguntas, cujos campos eram de escolha sim/não, foi disponibilizado um campo para descrever e justificar a opção. Apesar de estes campos não apresentarem dados estatísticos pela grande variedade de resposta, considerámos que enriqueceriam as considerações gerais de cada grupo.

1.4.2.Pós-inquérito

O pós-inquérito contém 9 perguntas principais e 4 campos de resposta para justificar as escolhas anteriores.

0.Qual o seu grupo? \*

G1

G2

0A.Qual o vídeo a que assistiu? \*

• Vídeo A | T

• Vídeo A | S<sup>7</sup>

• Vídeo B | T

• Vídeo B | S<sup>8</sup>

1. O acesso à apresentação do orador facilitou a interpretação? \*

• Sim

• Não

1A. Porquê? \*

2 A imagem do orador facilitou a interpretação? \*

• Sim

<sup>7</sup> Áudio A.

<sup>8</sup> Áudio B.

- Não

2A. Porquê? \*

3. Qual o aspecto que mais *stress* causou à sua interpretação? \*

- Ausência da imagem do orador
- Ausência da imagem das apresentações
- Presença da imagem do orador
- Presença da imagem das apresentações

4. Considera a interpretação que acabou de fazer: \*

- Fácil
- Acessível
- Difícil

5. Classifique a interpretação que acabou de fazer: \*

- Muito boa
- Boa
- Razoável
- Má

**6. Tendo em conta o que acabou de experienciar considera a imagem do orador durante a interpretação importante para o desempenho do intérprete?\***

- Sim
- Não

**6A. Porquê? \***

**7. Tendo em conta o que acabou de experienciar considera a imagem da apresentação do orador durante a interpretação importante para o desempenho do intérprete? \***

- Sim
- Não

**7A. Porquê? \***

A primeira pergunta serve para identificação, “Qual o seu grupo?”, porque cada turma foi dividida em 2 grupos: alguns seriam do grupo 1 e outros do grupo 2. A segunda pergunta pretende identificar o vídeo a que assistiram sendo que as opções eram Vídeo **A-T**, Vídeo **A-S**, Vídeo **B-T** e por último Vídeo **B-S**. É importante referir que, quando elaborámos os inquéritos ainda não tínhamos reflectido sobre a dificuldade que os nomes dos vídeos poderiam causar. Para facilitar a compreensão, neste estudo designamo-los como vídeos A e B (imagem+áudio) e áudio A e B (só som). Nos inquéritos, por impossibilidade de modificar os nomes iniciais estes mantêm-se inalterados, nomeadamente Vídeo A-T (imagem+áudio), vídeo A-S (som), vídeo B-T (imagem+áudio) e vídeo B-S (só áudio). É importante que as respostas dos questionários identifiquem qual o vídeo a que o grupo assistiu para se estabelecer a comparação das respostas dos sujeitos aos vídeos e aos áudios.

As perguntas seguintes do inquérito são de escolha Sim/Não e contêm um campo para fundamentação da resposta. As perguntas seguintes são, “O acesso à apresentação do orador facilitou a interpretação?”, “A imagem do orador facilitou a interpretação?”, “Tendo em conta o que acabou de experienciar considera a imagem do orador durante a interpretação importante para o desempenho do intérprete?”, e também “Tendo em conta o que acabou de experienciar considera a imagem da apresentação do orador durante a

interpretação importante para o desempenho do intérprete?”. Estas são as únicas perguntas que obrigam a fundamentação da escolha anterior. Seguem-se 3 perguntas de escolha múltipla: “Qual o aspecto que mais *stress* causou à sua interpretação?”, em que os campos de escolha múltipla são “Ausência da imagem do Orador”, “Ausência da imagem das apresentações”, “Presença da imagem do Orador” e “Presença da imagem das apresentações”. Nesta pergunta, pretendíamos verificar se a imagem do Orador ou da sua apresentação eram tidos pelos sujeitos como algo que os ajudou à interpretação ou se pelo contrário a prejudicou. Permite também o cruzamento de dados e assim validá-los ou não.

A pergunta 4 pede que considerem a interpretação que acabaram de fazer, “Considera a interpretação que acabou de fazer”, e contém os campos de escolha múltipla “Fácil, Acessível e Difícil”; com esta questão pretendíamos descobrir se as respostas variavam e se os sujeitos consideravam que a interpretação em que tiveram acesso à imagem foi mais facilitada por este factor. A última pergunta é semelhante e pretendia que se auto-avaliassem: “Classifique a interpretação que acabou de fazer”, e também contém os campos de escolha múltipla, seguintes, “Muito Boa, Boa, Razoável e Má”.



As interpretações foram realizadas no Laboratório Multimédia de Línguas nº 5 do ISCAP, de forma a ser possível a sua gravação, com recurso ao *software Sanako*, utilizado para leccionar as cadeiras de Interpretação. Nos vídeos em que era disponibilizada a imagem esta era projectada na parede em frente aos participantes da experiência.



**Imagem 3 Laboratório ISCAP**

A experiência decorreu com normalidade e sem incidentes. Informámos os alunos sobre a investigação e esclarecemos que esta era obrigatoriamente anónima. As respostas aos inquéritos e as gravações das interpretações não iriam ser alvo de qualquer avaliação. Por este motivo pedimos às professoras responsáveis pela cadeira de IS que não estivessem presentes na altura da realização da interpretação. Desta forma, atenuou-se qualquer tipo de *stress* adicional dos alunos possivelmente criado pela presença do professor, algo que poderia influenciar o seu desempenho. No seu artigo “Small projects in interpretation research” Kurz, admite que o *stress* é algo constante na interpretação e considera a gestão do mesmo como uma das características necessárias ao exercício da profissão. “More often than not the interpreter (...) must in his profession stand a long and continuous strain which is hard to bear” (Herbert 1952; citado por Kurz, 2001:114).

## 2.1. Análise de Termos e Expressões

---

Realizadas as experiências, elaborámos uma tabela para a análise dos T&E das interpretações, em que foram apontados todos os termos que eram usados pelo orador e ao mesmo tempo apareciam no vídeo. Note-se que só os termos que obedeciam a estas duas variáveis é que foram alvo de análise. Entenda-se que a pretensão desta investigação nunca foi avaliar a interpretação dos sujeitos. O único elemento que se pretende apurar é, se os T&E que eram apresentados por imagens no vídeo utilizado para a experiência, constam da interpretação dos sujeitos. Os vídeos que disponibilizam áudio+imagem (Vídeo A e Vídeo B) apresentam no seu decorrer imagens coincidentes com o discurso do Orador.<sup>9</sup>

Caso o sujeito proferisse o termo em questão, era colocado um visto, caso o sujeito omitisse ou errasse o termo, este era considerado não existente e era colocado um X. Obtivemos dados e médias relativamente aos erros e omissões nas interpretações dos vídeos que continham imagem e dos ficheiros áudio, que nos permitiram comparar resultados em função da variação dos parâmetros imagem ou áudio<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Ver 1.2. os vídeos para interpretação pp.8-9.

<sup>10</sup> Tabelas de análise de T&E (pp.59-70).

**2.2. Resultados da análise de termos e expressões**

Começaremos a análise pelo grupo dos alunos diurnos, seguindo-se os nocturnos e, por fim, os intérpretes com experiência profissional.

No grupo dos alunos diurnos, a análise revelou que o grupo 1 teve uma média de 32 termos num máximo de 58 e o grupo 2 obteve uma média de 17 termos em 58 possíveis. O vídeo A e o áudio A obtiveram menor incidência de E&O que o vídeo B e o áudio B, nomeadamente, 32/58 para os A, e 17/58 para os B. A análise realizada ao parâmetro imagem versus áudio revela 31/58 para os vídeos e 18/58 para os ficheiros áudio. Houve menor incidência de E&O na interpretação dos vídeos, em que foi disponibilizada a imagem do que na interpretação dos ficheiros áudio, em que só foi disponibilizado o Som. Apesar de não podermos justificar com certeza o facto dos resultados do vídeo B e áudio B terem maior incidência de E&O, podemos especular sobre a dificuldade do discurso, que incidia precisamente sobre a reciclagem e a informática, enquanto no vídeo A e áudio A, incidia sobre a indústria do plástico. Efectivamente, a dificuldade do discurso foi analisada e considerada equivalente, em ambos os vídeos, em termos de dificuldade interpretativa, mas os resultados revelam que houve maior dificuldade no vídeo e áudio B, como provável consequência da natureza acentuadamente tecnológica da respectiva linguagem versando a reciclagem e a tecnologia informática, que não é matéria a que os alunos estejam tão expostos diariamente como acontece com o vídeo e áudio A, que incidia maioritariamente sobre a indústria do plástico.

Imagem	Áudio
Vídeo A=23/58	Áudio A= 9/33
Vídeo B=8/25	Áudio B=9/25
<b>Total=31/58</b>	<b>Total=18/58</b>

Tabela 2 Imagem vs. Áudio diurnos

No grupo dos alunos nocturnos, os resultados demonstram que o vídeo A, com imagem+áudio teve menor incidência de E&O, apresentando uma média de 22 termos aplicados correctamente num máximo de 33. No entanto, os resultados do vídeo B, em que também era disponibilizado imagem+áudio, apresentam apenas uma média de 6 termos aplicados correctamente num máximo de 25.

No áudio A, em que os sujeitos só tinham acesso ao som, os resultados apurados foram de uma média de 8 termos aplicados correctamente num máximo de 33 e para o áudio B, os resultados apresentam uma média de 4 termos correctos num máximo de 25.

Podemos então concluir que o vídeo A e áudio A obtiveram menor incidência E&O enquanto o vídeo B e o áudio B, obtiveram maior incidência de E&O como acontece, aliás, no grupo anterior.

Refinando a análise em relação ao grupo de alunos nocturnos, o grupo 1, cujos resultados apresentam 26 termos correctamente produzidos num total de 58, teve menor incidência de E&O do que o grupo 2. No grupo 2, os resultados são: 14 termos correctamente produzidos num total de 58. Sabendo que o único parâmetro que foi objecto de variação nas interpretações foi os sujeitos terem acesso a imagem ou esta não lhes ser disponibilizada, podemos concluir, mediante os resultados obtidos, que os vídeos tiveram maior sucesso com 28 termos correctamente aplicados num total de 58, ao passo que nos áudios os resultados são de 12 termos em 58.

Imagem	Áudio
Vídeo A =22/33	Áudio A = 8/33
Vídeo B =6/25	Áudio B =4/25
<b>Total=28/58</b>	<b>Total=12/58</b>

Tabela 3 Imagem vs. Áudio nocturnos

Por último procedeu-se à análise do terceiro grupo, o grupo dos intérpretes com experiência. Os resultados para o grupo 1 que interpretou o vídeo A e o ficheiro áudio B foram 41/58 e o grupo 2 que interpretou o vídeo B e o ficheiro áudio A os resultados foram 34/58. Invariavelmente sucedeu o mesmo que nos grupos anteriores: o vídeo A e áudio A tiveram menor incidência de E&O do que o vídeo B e áudio B, nomeadamente 45/58 e 42/58. No que diz respeito à variação da imagem vs. áudio os resultados continuam a revelar que os vídeos têm, em todos os grupos e neste também, menor incidência de E&O, como se pode observar pelos resultados obtidos, imagem:45/58 e áudio 30/58.

Imagem	Áudio
Vídeo A =28/58	Áudio A = 17/33
Vídeo B =17/25	Áudio B =13/25
<b>Total=45/58</b>	<b>Total=30/58</b>

Tabela 4 Imagem vs. Áudio intérpretes com experiência

### 2.3. Resultados pré-inquéritos

Analisados os dados dos T&E, seguem-se os dados revelados pelas respostas dos sujeitos aos inquéritos respondidos antes da experiência.

À pergunta 1A “Tem experiência em interpretação fora do âmbito curricular?”, apenas 26% dos inquiridos responderam “Sim” e os restantes 74% responderam “Não”.

#### 1.Tem experiência em interpretação fora do âmbito curricular?

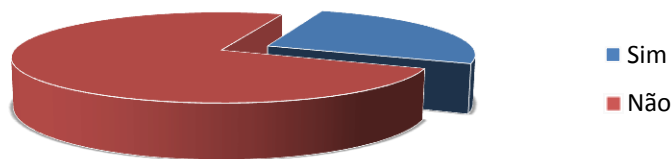


Gráfico A

Esta pergunta no caso de resposta negativa, remetia os inquiridos directamente para a pergunta 2. No caso de resposta afirmativa, remetia para sub-perguntas relevantes para estatística, tais como: Pergunta 1 B “Quantas horas de interpretação tem?”, pergunta 1 C “Quais as suas línguas de trabalho?”.

A pergunta 2 era para que os sujeitos indicassem a sua idade. A média de idades dos inquiridos é 31.

À pergunta 3: “Quais destes aspectos (assinale o mais importante) podem facilitar uma Interpretação?”, 35% dos inquiridos responderam “Acesso a glossário sobre o tema da interpretação” e outras duas escolhas obtiveram 13% das escolhas, nomeadamente, ” Apresentação do orador” e “Imagem do Orador durante a interpretação”.

#### 3.Quais destes aspectos podem facilitar uma interpretação?

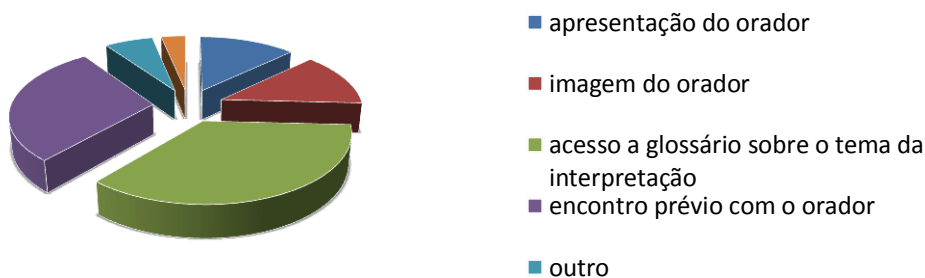
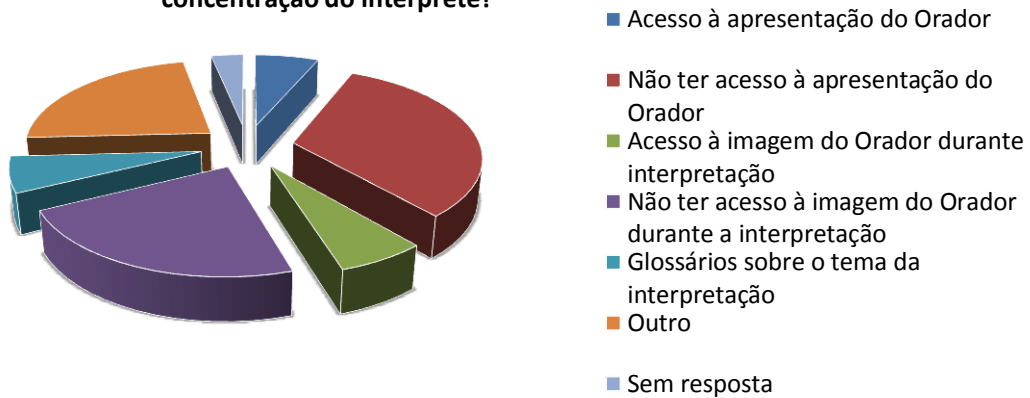


Gráfico B

À pergunta 4 “Quais destes aspectos (assinale o mais importante) podem quebrar a concentração do intérprete?”, as respostas são claras, sendo que 32% dos inquiridos escolheram a resposta “Não ter acesso à apresentação do Orador”, como se pode verificar no gráfico seguinte.

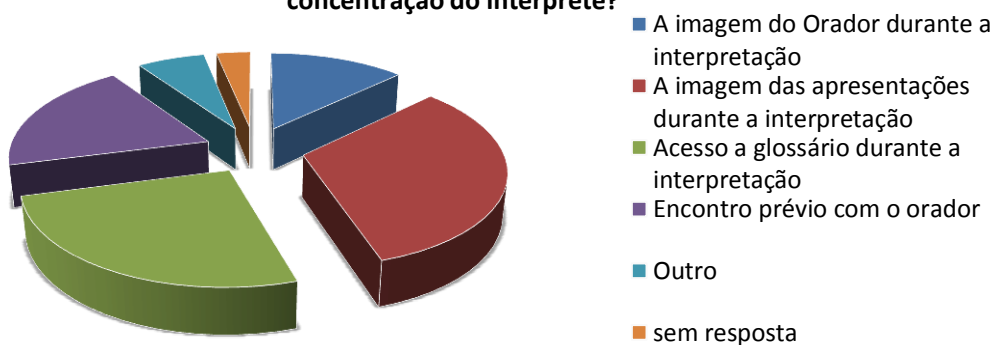
**4.Quais destes aspectos (assinale o mais importante) podem quebrar a concentração do intérprete?**



**Gráfico C**

Na pergunta 5 “Quais destes aspectos (assinale o mais importante) favorecem a concentração do intérprete?”, verifica-se aqui também uma resposta clara em que a maior percentagem é “A imagem das apresentações durante a interpretação” com 32%.

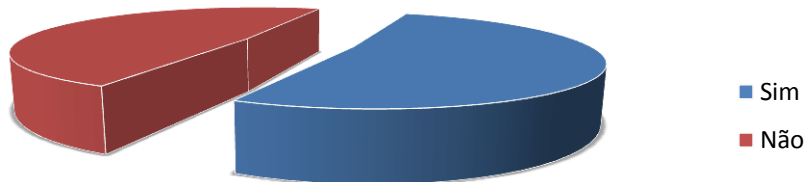
**5.Quais destes aspectos (assinale o mais importante) favorecem a concentração do intérprete?**



**Gráfico D**

À pergunta 7 “Considera a imagem do orador um aspecto fundamental para uma boa interpretação?”, as respostas foram “Sim”, com 52% e “Não” com 48%.

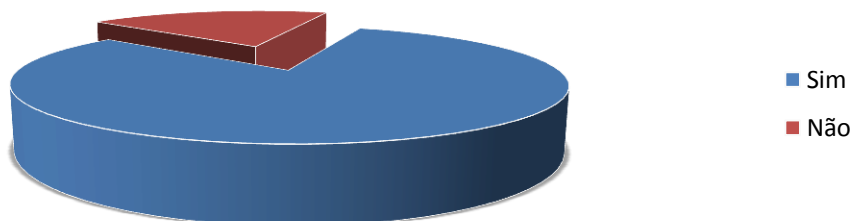
**7.Considera a imagem do orador um aspecto fundamental para uma boa interpretação?**



**Gráfico E**

À pergunta 8 “Considera o acesso à apresentação do orador um aspecto fundamental para uma boa interpretação?”, os inquiridos responderam “Sim”, com uma percentagem de 81% contra “19%”.

**8.Considera o acesso à apresentação do Orador um aspeto fundamental para uma boa interpretação?**



**Gráfico F**

Apesar de todas as respostas terem sido analisadas, existem no entanto algumas que por serem muito abrangentes não foram consideradas aqui para efeitos de percentagens, tais como os campos de justificação para as perguntas 7 e 8. Como cada inquirido deu uma resposta diferente é impossível extrairmos efeitos estatísticos das mesmas.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> As perguntas do pré-inquérito podem ser consultadas na p.100.

Genericamente, podemos já retirar algumas conclusões a partir dos dados extraídos da análise dos três diferentes grupos. Estes dados parecem revelar que existe uma relação entre a interpretação e a imagem. Pelos dados obtidos até este ponto das respostas ao pré-inquérito<sup>12</sup> tudo parece apontar para que constituam prova de que a imagem influencia a interpretação e a prestação do intérprete.

Os sujeitos revelaram, através das suas considerações, que a imagem do orador e a sua apresentação são importantes para a interpretação e para a sua prestação. Como exemplo, tome-se as respostas às perguntas 4, 7 e 8, em que 32% dos inquiridos responderam que o que mais *stress* lhes causava, era o facto de não terem acesso à apresentação do orador. Na pergunta 7 - 52% afirmaram que a imagem do orador era fundamental para o bom desempenho do intérprete e na pergunta 8 - 81% afirmaram que a apresentação do orador era fundamental para o bom desempenho do intérprete. Apesar de estas percentagens serem notoriamente significativas, é necessário fazer um reparo em relação às perguntas 7 e 8. Após a realização dos inquéritos houve uma troca de impressões entre a autora da investigação e os sujeitos expostos a esta experiência e é necessário dizer que aqueles que responderam Não, fizeram-no porque, embora considerassem que a imagem do orador ou a sua apresentação era útil para o intérprete, não a julgavam fundamental. O que nos leva a concluir que, apesar de não considerarem a imagem do orador e das suas apresentações fundamentais para o bom desempenho do intérprete, consideram que é importante. É de notar que em termos de género dos inquiridos existe uma diferença significativa, em que 81% dos inquiridos e participantes nesta experiência eram do sexo feminino e apenas 19% eram do sexo masculino. Existe de facto uma predominância do género feminino neste estudo.

Em seguida, analisamos as respostas aos pós-inquéritos.

---

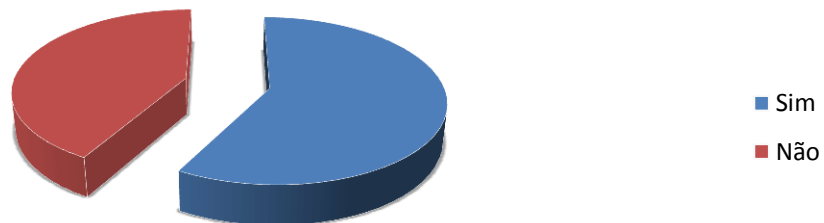
<sup>12</sup>Resultados para consulta, p.201.

## 2.4. Resultados pós-inquérito

Passamos à análise dos inquéritos conduzidos **após a experiência de interpretação**<sup>13</sup>. Analisámos as respostas dos sujeitos que interpretaram os vídeos e comparámo-las com as respostas dos que realizaram a interpretação dos ficheiros áudio. Nesta análise estão incluídos todos os grupos.

À pergunta 1.O acesso à apresentação do orador facilitou a interpretação? - 58% dos inquiridos que interpretaram os vídeos responderam “Sim” e 42% responderam “Não”. Efectivamente, podemos confirmar que não só os sujeitos afirmaram que tiveram mais facilidade na interpretação do vídeo como também podemos afirmar que os resultados da análise dos T&E o confirmam, conforme expusemos nas tabelas 1, 2 e 3.

**1.O acesso à apresentação do orador facilitou a interpretação?**



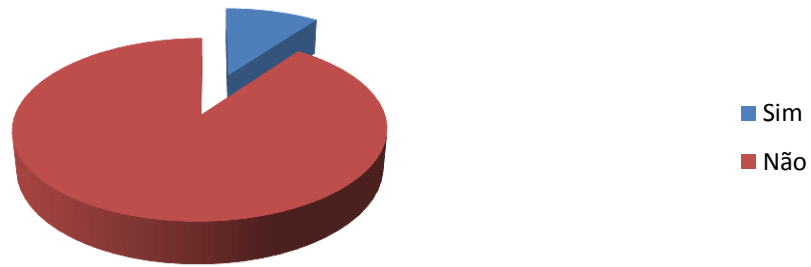
**Gráfico 1 vídeos A e B**

À mesma pergunta os sujeitos que interpretaram os ficheiros áudio responderam, Sim 10% e Não 90%

---

<sup>13</sup>Resultados para consulta, p. 204 (áudios) e p. 206 (vídeos).

**1.O acesso à apresentação do orador facilitou a interpretação?**

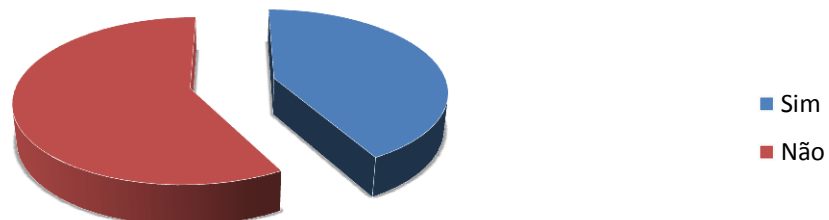


**Gráfico 1 áudios A e B**

É necessário fazer uma observação em relação a esta pergunta e também em relação aos resultados percentuais obtidos. A pergunta estava mal formulada quando aplicada ao grupo dos sujeitos que realizaram as interpretações dos áudios. Mediante a interpretação de um ficheiro áudio, não tem sentido perguntar aos inquiridos se a apresentação do orador facilitou a interpretação. Por este motivo os inquiridos responderam em maioria que “Não” e , em seguida, complementaram a resposta justificando que não tinham tido acesso à apresentação. Como podemos verificar pelos gráficos, as respostas à pergunta 1 revelaram resultados muito diferentes para os grupos sujeitos à interpretação dos vídeos e para os grupos sujeitos à interpretação dos áudios.

À pergunta 2. A imagem do orador facilitou a interpretação? - 42% dos sujeitos à interpretação dos vídeos responderam “Sim” e 58% responderam “Não”. Neste caso, a maior parte dos inquiridos transmitiu que a imagem do orador lhes causou alguma dificuldade pelo facto de se tratar de uma oradora com características muito próprias: discurso muito rápido e enérgica gesticulação.

**2.A imagem do orador facilitou a interpretação?**



**Gráfico 2 vídeos A e B**

Na pergunta 2 - “A imagem do orador facilitou a interpretação?” 94% dos sujeitos à interpretação dos ficheiros áudio voltaram a responder “Não”, pois também não tiveram acesso à imagem do orador. Como o questionário pós-experiência é igual para todos os grupos, também esta pergunta não teve aplicação no caso dos ficheiros áudio. Como nota para futuras investigações, é necessário reformular as perguntas 1 e 2 quando aplicadas a sujeitos que realizam a interpretação de ficheiros áudio.

### 2.A imagem do orador facilitou a interpretação?

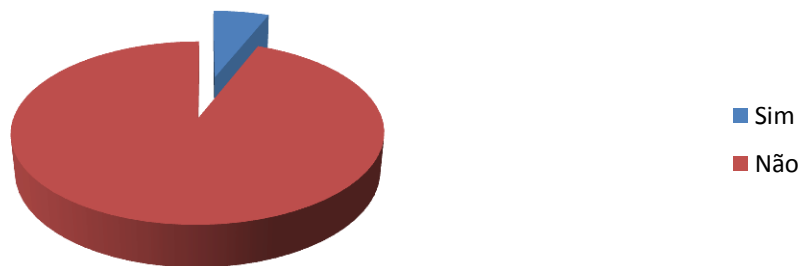


Gráfico 2 áudios A e B

À pergunta 3. “Qual o aspecto que mais *stress* causou à sua interpretação?”, a resposta com maior percentagem, para os vídeos, foi “Presença da imagem das apresentações”, com 45%.

### 3.Qual o aspecto que mais stress causou à sua interpretação?

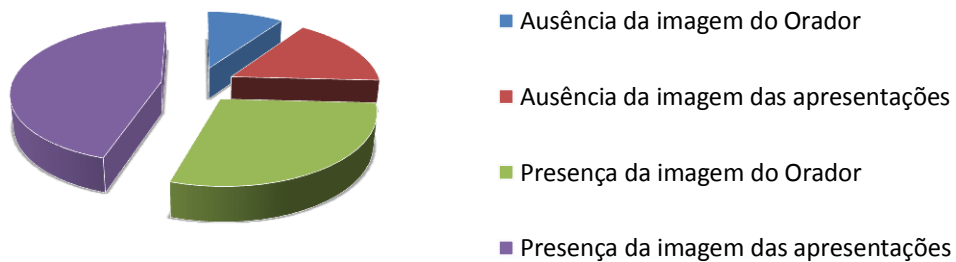


Gráfico 3 vídeos A e B

A mesma pergunta quando colocada ao grupo que realizou a interpretação dos ficheiros áudio revela que o aspecto que mais *stress* causou à interpretação foi a ausência da imagem das apresentações, com uma percentagem de 55%. Efectivamente, é de notar que os sujeitos que interpretaram o vídeo revelaram através das suas respostas que a imagem das apresentações lhes causou algum *stress*, mas não podemos atribuir uma causa específica para este acontecimento. No entanto, podemos referir que, enquanto nos vídeos 45% dos

sujeitos considerou que a imagem lhes causou *stress*, nos áudios 55% considerou que a falta das imagens foi a causa do mesmo *stress*. Podemos concluir que a imagem causou *stress*, tanto nos vídeos como nos áudio, mas a ausência da mesma foi mais perturbadora do que a sua presença.

### 3. Qual o aspecto que mais *stress* causou à sua interpretação?

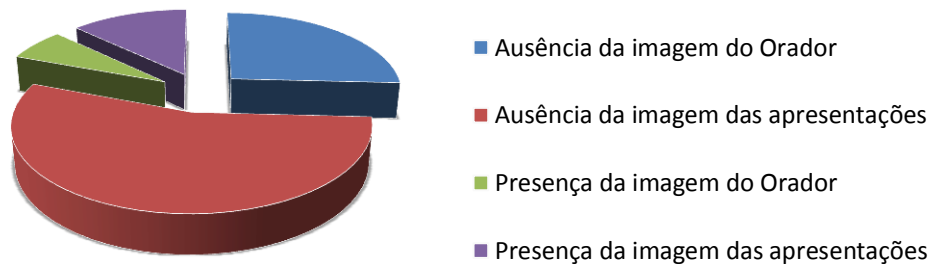
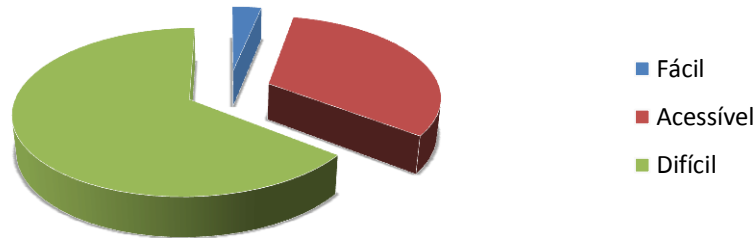


Gráfico 3 áudios A e B

Na resposta a esta questão, os sujeitos demonstram claramente que o aspecto que mais *stress* lhes causou durante a interpretação do ficheiro áudio, foi a falta da imagem das apresentações. Em várias respostas afirmavam que sentiram a falta das apresentações porque a imagem é importante para tentarem decodificar com maior eficácia a mensagem. Se confrontarmos estas respostas, com as respostas à pergunta 4 dos pré-inquérito, em que 32% consideram que não ter acesso à apresentação do orador pode quebrar a concentração do intérprete e na pergunta seguinte (5) em que 32% consideram que o aspecto que mais favorece a concentração do intérprete é a imagem das apresentações, parece verificar-se uma vez mais que os sujeitos corroboram a tese de que o acesso à imagem beneficia a concentração do intérprete. Efectivamente, comprova-se que as considerações dos sujeitos sobre a imagem se confirmam. Não só afirmaram, antes da realização da experiência que a ausência da imagem das apresentações podia quebrar a sua concentração, como comprovaram pela prática, após a experiência, que a causa do *stress* foi a ausência da imagem das apresentações. A mesma conclusão se pode retirar do registo da ocorrência de E&O na interpretação dos ficheiros áudio, que demonstra claramente que há maior ocorrência de E&O nestes do que na interpretação dos vídeos. A análise dos T&E conclui que os vídeos, revelam 104 termos aplicados correctamente num total de 174. No entanto, os ficheiros áudio revelam 60 em 174.

À questão 4. “Considere a interpretação que acabou de fazer: fácil, acessível ou difícil”, 65% dos sujeitos à interpretação dos vídeos, considerou-a difícil.

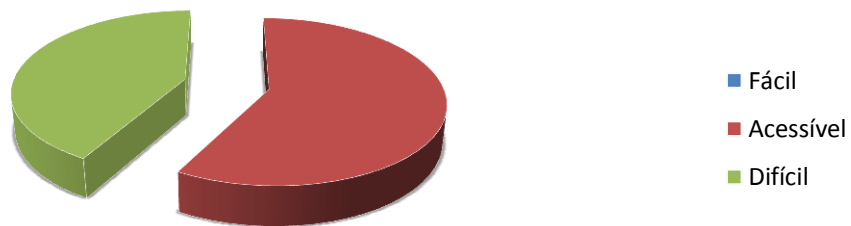
**4.Considera a interpretação que acabou de fazer:**



**Gráfico 4 vídeos A e B**

No entanto, os resultados dos ficheiros áudio revelam que 58% dos inquiridos consideraram a interpretação acessível. Mediante os resultados obtidos podemos afirmar, que quando sujeitos à interpretação com acesso a vídeo, os sujeitos consideraram-na difícil mas, quando sujeitos à mesma interpretação somente com acesso a áudio, consideraram-na mais acessível. Estes resultados parecem indicar maior dificuldade sentida na interpretação nos vídeos do que na interpretação dos áudios.

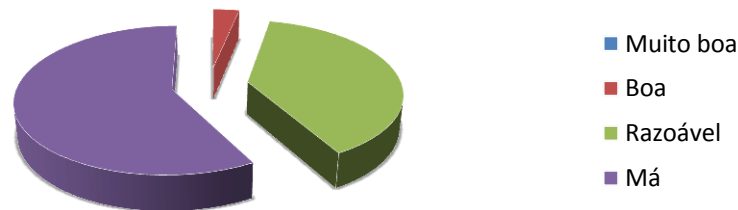
**4.Considera a interpretação que acabou de fazer:**



**Gráfico 4 áudio A e B**

À questão 5 “Classifique a Interpretação que acabou de fazer: muito boa, boa, razoável, má”, 58% dos sujeitos á interpretação dos vídeos, considerou-a má.

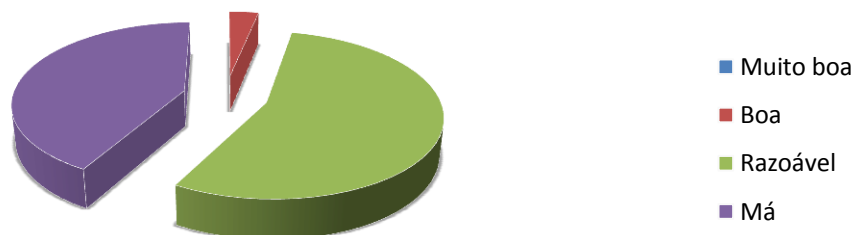
**5. Classifique a interpretação que acabou de fazer:**



**Gráfico 5 vídeos A e B**

Em relação à pergunta 5 “Classifique a interpretação que acabou de fazer: muito boa, boa, razoável ou má; a maior percentagem dos que foram sujeitos à interpretação dos áudio foi para a classificação razoável com 55% das escolhas dos inquiridos

**5. Classifique a interpretação que acabou de fazer:**



**Gráfico 5 áudios A e B**

Estas respostas parecem contradizer as anteriormente apresentadas, na medida em que corroboravam a tese de que a imagem influenciava positivamente a interpretação. Parece existir uma contradição entre a percepção dos sujeitos em relação à qualidade da sua interpretação dos vídeos e dos áudios. Os sujeitos consideram a interpretação dos vídeos má, mas por outro lado, classificaram a interpretação dos áudio como razoável. É de referir, no entanto, que esta percepção dos sujeitos parece estar incorrecta. Podemos claramente verificar, pelos resultados da análise dos T&E, que há maior ocorrência de E&O nas interpretações em que os sujeitos tiveram acesso exclusivo ao áudio.

À pergunta 6 “Tendo em conta o que acabou de experienciar considera a imagem do orador durante a interpretação importante para o desempenho do intérprete?”, 55% consideraram “Sim” e 45% consideraram “Não”, isto para os que interpretaram os vídeos.

**6.Tendo em conta o que acabou de experienciar considera a imagem do orador durante a interpretação importante para o desempenho do intérprete?**

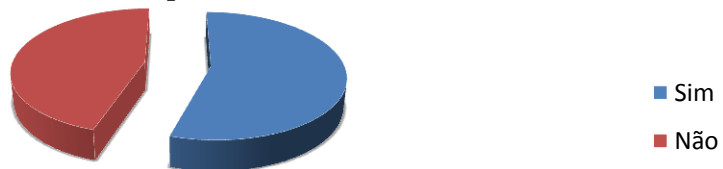


Gráfico 6 vídeos A e B

**6.Tendo em conta o que acabou de experienciar considera a imagem do orador durante a interpretação importante para o desempenho do intérprete**

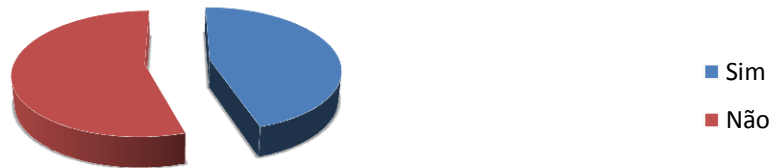


Gráfico 6 áudios A e B

No entanto, as respostas dos sujeitos após interpretação dos áudios, à pergunta 6 “Tendo em conta o que acabou de experienciar considera a imagem do orador durante a interpretação importante para o desempenho do intérprete?” foram as seguintes: 55% consideraram “Não” e 45% consideraram “Sim”.

Se confrontarmos estes dados, com as respostas ao pré-inquérito, à pergunta 7 “Considera a imagem do orador um aspecto fundamental para uma boa interpretação?”, em que 52% dos inquiridos respondeu Sim e 48% respondeu Não, podemos concluir que as respostas indicam que a imagem do orador é considerada menos importante para a interpretação que a imagem das apresentações, algo que também podemos constatar pelas respostas à próxima pergunta.

À pergunta 7 “Tendo em conta o que acabou de experienciar considera a imagem da apresentação do orador durante a interpretação importante para o desempenho do Intérprete?”, 61% afirmou “Sim” e 39% afirmou “Não” (vídeos).

**7.Tendo em conta o que acabou de experienciar considera a imagem da apresentação do orador durante a interpretação importante para o desempenho do intérprete?**



Gráfico 7 vídeos A e B

À pergunta 7 “Tendo em conta o que acabou de experienciar considera a imagem da apresentação do orador durante a interpretação importante para o desempenho do intérprete?” - 58 % considerou “não e 42% indicou “Sim” (áudios).

**7.Tendo em conta o que acabou de experienciar considera a imagem da apresentação do Orador durante a interpretação importante para o desempenho do Intérprete?**



Gráfico 7 áudios A e B

Se confrontarmos estas respostas com a pergunta 8 do pré-inquérito, podemos afirmar que existe aqui uma contradição. Nas considerações antes da experiência, os sujeitos afirmaram claramente com 81%, que consideravam o acesso à apresentação do orador fundamental para uma boa interpretação. No entanto, após a interpretação dos ficheiros áudio as respostas revelam que mediante o que tinham acabado de experienciar, apenas 42% consideram a imagem da apresentação do orador importante para o desempenho do intérprete. Se, por outro lado, confrontarmos estes resultados com os que obtivemos pelas respostas dos sujeitos à interpretação dos vídeos, constatamos que 61% considera importante a imagem das apresentações. Podemos acrescentar que a percentagem dos

sujeitos que interpretaram os vídeos e que consideram a imagem das apresentações importantes para uma boa interpretação, é maior do que a percentagem dos que interpretaram os ficheiros áudio e que não consideram a imagem das apresentações importante para o bom desempenho do intérprete, 58%. Parece haver aqui uma disparidade entre o que os sujeitos reflectem e o seu real desempenho. Consideram que a imagem não é assim tão importante mas apresentam mais falhas em interpretações com acesso exclusivamente a áudio.

Após as experiências, conversámos com os alunos diurnos. O objectivo era compreender e conhecer melhor esta questão da perspectiva dos alunos. Alguns alunos argumentavam que, em certas ocasiões, preferiam desviar o olhar do orador para maior concentração, no caso de oradores com discurso muito rápido ou que se movimentam muito. Por outro lado, outro painel de alunos afirmava exactamente o contrário, que era precisamente nessas alturas que tinham maior necessidade de ajuda extra da imagem para manter a concentração e não se perderem na interpretação. Alguns afirmaram ainda, que esta questão dependia do orador e das apresentações, e também das preferências pessoais do intérprete. Verificámos que se manteve consenso na ideia principal, de que é sempre preferível ter do que não ter acesso a imagem.

Os dados que apurámos suportam a ideia de que o intérprete tem mais a beneficiar do que a perder em ter as imagens à sua disposição, prevalecendo a convicção de que os resultados são claramente melhores. Se cruzarmos os dados das considerações dos sujeitos com os resultados efectivos das suas prestações podemos concluir que a percepção dos sujeitos, por vezes, não tem reflexo na qualidade da interpretação que levam a cabo. Os resultados por seu turno, são claros e apresentam maior número de falhas de T&E quando o sujeito não tem acesso à imagem.



Os resultados parecem confirmar a hipótese formulada no início deste estudo que apontava para a existência de uma relação entre a imagem e a interpretação. Os dados, aqui recolhidos, parecem indicar que existe menor ocorrência de E&O quando o intérprete tem acesso à imagem do orador e das suas apresentações. Efectivamente, os sujeitos reconhecem que a imagem é importante para o bom desempenho do intérprete e mantêm esse reconhecimento antes e depois da experiência. As considerações iniciais recolhidas ainda antes da experiência mantêm-se inalteradas mesmo após a realização da mesma, apresentando no decorrer da experiência alguma variação, nomeadamente em relação à percepção que os sujeitos têm da qualidade da sua interpretação e aos resultados efectivos obtidos através da experiência. Os dados parecem indicar que a qualidade da interpretação com acesso a imagem tem tendência a ser mais precisa. De facto, podemos compreender a dificuldade que poderá gerar, por exemplo, a interpretação simultânea, exclusivamente com acesso a áudio, de um número com vários dígitos. Se este for visualizado pelo intérprete enquanto acompanha a interpretação do áudio, haverá significativamente menor probabilidade de erro e menor dificuldade na sua descodificação.

Verificámos, também, que para alguns sujeitos a imagem das apresentações e a imagem do orador podem causar alguma distração ou algum *stress* durante a interpretação. No entanto, os dados também parecem levar à conclusão que é mais prejudicial a falta destas mesmas imagens para o bom desempenho do intérprete.

Concluimos, então, que é benéfico assegurar que o intérprete tenha sempre acesso à imagem do orador e à imagem das suas apresentações. Se estas imagens provocarem a quebra de concentração, a decisão de desviar o olhar deverá partir do intérprete. Caso este decida que estas imagens, em certa altura, prejudicam mais do que beneficiam, poderá individualmente optar pela sua visualização ou não.

É importante relembrar a importância que a investigação pode ter tanto na profissão de intérprete, como naquilo que tomamos como dado adquirido. É necessário, em nosso entender, que futuros investigadores invistam nesta área para que a profissão se mantenha actualizada e em Português. A profissão de intérprete consiste em descodificar mensagens, mas sem menosprezar ou esquecer a sua língua activa, já que sem o seu profundo conhecimento nenhum trabalho interpretativo será plenamente conseguido.

**Livros**

---

- Dimitrova, B. (2000). *Language Processing and Simultaneous Interpreting Interdisciplinary Perspectives*. Amsterdam: John Benjamins.
- Gambier, Y., & Gile, D. (1997). *Conference Interpreting Proceedings of the International Conference on Interpreting: What do we know and how?* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Gile, D. (1995). Fidelity Assessment in Consecutive Interpretation: an Experiment. *Target*, 7, 151-164.
- Gile, D. (1999). Testing the Effort Models' Tightrope Hypothesis in Simultaneous Interpreting - A Contribution. *Hermes*, 23, 153-172.
- Gile, D. (1999). Variability in the Perception of Fidelity in Simultaneous Interpretation. *Hermes*, 22, 51-79.
- Gile, D. (2001). Selecting a Topic for PhD Research in Interpreting. In D.Gile, *Getting Started in Interpreting Research Methodological Reflections, Personal Accounts and Advice for Beginners* (pp. 1-22). Amsterdam: John. Benjamins.
- Gile, D. (2009). *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training* (Revised ed.). Amsterdam: John Benjamin.
- Kurz, I. (2001). Small projects in interpretation research. In D.Gile. *Getting Started in Interpreting Research Methodological Reflections, Personal Accounts and Advice for Beginners* (pp. 101-120). Amsterdam: John. Benjamins.
- Lambert, S. (1994). Error analysis in the teaching of simultaneous interpretation – in A pilot study. *Bridging the Gap Empirical Research in Simultaneous Interpretation* (pp.25-38). Amsterdam: John. Benjamins.
- Monacelli, C. (2009). *Self-preservation in Simultaneous Interpreting - Surviving the Role*. Amsterdam: John Benjamins.

AIIC. (n.d.). *index*.<http://www.apic.org.pt/>, acessido a 5 Fevereiro 2013.

Buck, V. (30 de Maio 2005). What is VEGA? AIIC conference interpreters are professionals who translate orally from and into over 60 languages. acessido a 10 Janeiro 2013, de <http://aiic.net/page/1803>.

Cardno, S. (n.d.). Interpretação Simultânea ou de Conferência. *AIIC Portugal // AIIC - Professional Conference Interpreters Worldwide*, acessido a 20 Fevereiro 2013, <http://www.aiicportugal.pt/articlespt.htm>.

Comissão Europeia. A combinação linguística do intérprete de conferência, acessido a 25 de Março 2013, [http://ec.europa.eu/dgs/scic/what-is-conference-interpreting/language-combination/index\\_pt.htm](http://ec.europa.eu/dgs/scic/what-is-conference-interpreting/language-combination/index_pt.htm).

Comissão Europeia. O que é a interpretação de conferência?. (n.d.). *Comissão Europeia*. acessido a 1 Fevereiro 2013, [http://ec.europa.eu/dgs/scic/what-is-conference-interpreting/index\\_pt.htm](http://ec.europa.eu/dgs/scic/what-is-conference-interpreting/index_pt.htm).

Mouzorakis, T. (19 de Junho de 2003). That Feeling of Being there: Vision and Presence in Remote Interpreting. *AIIC conference interpreters are professionals who translate orally from and into over 60 languages*, acessido a 28 Fevereiro 2013, <http://aiic.net/page/1173>.

Mouzorakis, T. (21 de Maio 2005). How do we Interpret? *AIIC conference interpreters are professionals who translate orally from and into over 60 languages*, acessido a 28 Fevereiro 2013, <http://aiic.net/page/1739/how-do-we-interpret/lang/1>.

Mouזורakis, P. (Novembro 2008) Remote Interpreter Training, “Training for Remote Interpreting? | Cadernos CML. *Cadernos CML | Cadernos do Centro de Multimédia e Línguas*, acessido a 4 Março 2013, <http://multimedialinguas.wordpress.com/edicoes/ano-i-2010/0001->

janeiro/panayotis-mouzourakis-%C2%ABremote-interpreter-training-training-for-remote-interpreting%C2%BB/ .

Pym, A. (2008) On Omission in Simultaneous Interpreting. Risk Analysis of a Hidden Effort. *http://usuaris.tinet.cat*. acessado a 4 Março 2013, *usuaris.tinet.cat/apym/online/translation/2008\_omission.pdf*.

# Anexos